

ÁFRICA E BRASIL – CULTURA E HISTÓRIA

(Relato impressionista (depois) de uma
vivência africana)

Luiz Antonio Fachini Gomes

Brasileiro, diplomata desde 1971, tendo servido em diversos países, entre os quais a África do Sul (como encarregado de negócios), a Austrália (como cônsul-geral) e o Irã, a Guatemala e a Tunísia (como Embaixador).

Depois de viver na África do Sul por quase quatro anos (1990-94), acabei por confirmar que o brasileiro tem uma cabeça muito africana; em certo sentido, bem mais africana do que europeia. Alguns anos antes, tinha vivido longo tempo na Europa Central e me sentira muito estranho naquele mundo. Realmente foi uma dificuldade adaptar-me ao modo de pensar (e sentir) daqueles europeus. Já no continente africano, me senti em casa.

Sendo de Minas Gerais, da Zona da Mata, região que se desenvolveu somente no Século XIX, com forte apoio da escravidão, já me acostumara com as influências africanas, embora sem muita consciência delas. Em minha vida de diplomata de mais de 40 anos, estive vivendo em vários continentes, mas fiquei com a impressão de que a África marcou mais. No Brasil, trabalhei por alguns anos no Departamento da África e tive oportunidade de viajar em missões transitórias por vários países da área. Interessante foi observar a realidade tão familiar do continente africano e voltar ao Brasil pensando cada vez mais naquela frase do Padre Antônio Vieira, dita há mais de 300 anos: “o Brasil tem seu corpo na América e sua alma na África”.

Hoje ainda continuo viajando pelo mundo, acumulando experiências e vivências variadas, e a África fica um pouco diluída na memória... De vez em quando reaparece, num pensamento ou numa conversa, quando falo da história, da cultura, dos costumes e da gente brasileira... Quando preciso explicar diferenças entre o Brasil e outros latino-americanos, a África mostra sua força, aproximando-nos apenas de Cuba e da República Dominicana. Nesses dois países caribenhos a africanidade, sobretudo musical, está tão presente e dominante como no Brasil.

Tento recordar um pouco algumas impressões e observações de meus tempos da África do Sul, quando vivia em Pretória, naqueles últimos anos de “apartheid”. Nelson Mandela acabara de sair da prisão de 27 anos. Fruto das pressões internas e internacionais, uma transição se impunha: havia o exercício político de negociação de uma nova constituição, as leis racistas iam sendo derogadas rapidamente, e estavam sendo preparadas novas eleições, dessa vez plenamente democráticas (um voto para cada pessoa, independente de sua cor). Os negros, que eram mais de 80% da população, votariam pela primeira vez na história do país.

Havia na sociedade branca um grande temor do futuro. O peso histórico da culpa (pela colonização racista e pelas atrocidades cometidas no passado ainda recente) trazia uma preocupação constante à classe dominante branca sobre o que poderia acontecer quando o primeiro governo negro chegasse ao poder.

Naquele contexto social de grande ansiedade, a experiência de mistura racial no Brasil despertava forte interesse. Muitas vezes tive de participar de discussões formais e informais sobre a situação brasileira, nosso presente e nosso passado. Precisava abordar a importância cultural do “Brasil africano” e a contribuição do negro para a formação do país. Precisava explicar as diferenças históricas e sociais entre o Brasil e a África do Sul. No mesmo contexto colonial de violência e exploração, a sociedade sul-africana foi dominada por uma população “branca”, avessa a qualquer mistura, preocupada em proteger sua “raça”. A sociedade brasileira se formara na base da miscigenação e com muita abertura a tudo o que vinha de fora, coisas e pessoas... E no início do século XIX, quando tivemos o primeiro censo populacional, o Brasil era mais estrangeiro do que indígena, e muito mais negro do que branco.

Em minhas impressões sobre a África do Sul, vi claramente os dois mundos num só país: o europeu e o africano, coexistindo totalmente separados. Entrei em contato com esses dois mundos, ambos familiares para um brasileiro. Observando-os de perto, confirmei a nossa africanidade.

Os brancos eram muito individualistas, vivendo sós com suas famílias, frequentando sua igreja segregada, com suas preces tristonhas, divertindo-se restritamente com seus poucos amigos... Suas festas e reuniões sociais eram disciplinadas, cada um pagava o seu. Gostavam de fazer churrasco aos domingos (cada um trazia seu pedaço de carne e sua cerveja e, em princípio, não se compartilhava). Às vezes bebiam muito, solitários com sua garrafinha “long-neck”, frequentando aqueles bares tipo “pub”, uma fileira de cadeiras onde as pessoas, ao lado umas das outras, mal se falavam.

Já os negros gostavam de se juntar, suas famílias eram abertas aos agregados, suas igrejas e rezas eram mais alegres, com mais música e danças. Andavam em grupos, confraternizavam, compartilhavam... Suas festas eram fartas e barulhentas. Sua cerveja vinha sempre em garrafas grandes, para dividir com os amigos.

Toda essa vida dos negros me remetia de volta ao Brasil... E me ajudava, de longe, a entender melhor o meu país. Tudo isso, mesmo envolto em sentimentos nostálgicos, eu procurava transmitir aos sul-africanos, que, por seu lado, tinham uma visão confusa do Brasil – um país complexo, cheio de contradições, com uma experiência de miscigenação racial e sincretismo, mas ainda sem ter conseguido superar os problemas da desigualdade e do racismo. Para negros e brancos, o Brasil tanto servia para trazer esperanças, quanto para justificar o “apartheid”.

Relembro, a propósito, Desmond Tutu, o arcebispo sul-africano ganhador do Prêmio Nobel da Paz, que visitou o Brasil em 1986, a convite do Governo brasileiro, e saiu com a impressão de aqui existia mesmo o racismo que era negado pelo Governo e pela parcela mais branca da sociedade. Naquela época se falava em “democracia racial” e se desconsiderava o preconceito. O Arcebispo Tutu desagradou a seus anfitriões, ao dizer que tinha tendência a “acreditar mais nas vítimas”.

Desmond Tutu deixou, no entanto, uma mensagem otimista aos brasileiros, dizendo algo como “quem insiste em dizer que é uma democracia racial, um dia acabará sendo”. Hoje lá se vão quase 30 anos... Muitas medidas têm sido tomadas com vistas a trilhar o caminho da democracia racial no Brasil. E a África do Sul, que implantou um programa de ações afirmativas desde o fim do “apartheid”, hoje nos serve de inspiração.

